

**ASSIGNATURAS  
PARA A CAPITAL**

Anno	10\$000
Semestre	5\$000
Trimestre	3\$000
Mes	1\$500
Número ávoles	\$300

# O CRUZEIRO

Organ dedicado às lettras, pílherias e notícias

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redactores e colaboradores: diversos

Peritos super omnia

**ASSIGNATURAS  
PARA O INTERIOR**

Anno	12\$000
Semestre	6\$000
Trimestre	3\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Escriptorio da Redacção: Rue Costa Magalhaes n.º 20

## O CRUZEIRO

### 7 DE SETEMBRO

E, indubitablemente, um dos maiores, quasi digo, o maior, dos dias que a nossa Pátria comemora no seu calendário de festas nacionais.

Não se lhe equipara o dia de Novembro; neste, festeja-se nada menos que a passagem de uma forma de governo para outra, o que afinal não deixa de ser um facto bem secundário, republicanismo a parte; naquelle, a festa é genuinamente e inteiramente nacional, o facto comemorado é desse que faz vibrar (com igual intensidade) o coração a alma íntima do Paiz: a independência, basta ver para lhe firmar o predominio e a supremacia iniludível sobre o grande dia da República.

É uma frase que a força deve pedir já parece um dogma, na inauguração popular: o 7 de Setembro é o primeiro passo dado para o 15 de Novembro.

Querem assim, como que deprimir a acção briosa que teve lugar naquela dia; querem fazer do que foi, por si só, uma das páginas mais perfeitas e mais completas de nossa história, — um trecho apenas, da que foi complemento o 15 de Novembro.

Ora, isto é um erro que quem a sua intenção republicana que comum, absolve.

Há, e não poucos, meios de se elevar e engrandecer o dia 15 de Novembro, não deprimindo o dia do Vítor, convencamo-nos, pois, que, a despeito do que assentham, a verdade, é esta: o 7 de Setembro, é um dia único e incomparável na nossa História, único porque nos deu uma Pátria, livre e forte, do que era uma Colonia es- cravizada ao despotismo português; incomparável, porque, o feito que se celebra nessa data é daqueles que não tem igual na história das nações; corresponde, com ligeiras variantes, ao 14 de Julho, em França.

O que, mais tarde, em 89, fizera Deodoro e seus companheiros, foi um facto desejado e querido; não há negar, mas, dizer-se que despertasse no pensamento nacio- nal, tanta emoção e tanto entusiasmo como o de 7 de Setembro, seria errar...

Poicham as causas no seu lugarezgo. Independente de instigações políticas que, afinal, pouco ou nada influem na vida de um paiz, a data imemerredoura de 7 de Setembro, que vimos de comemorar, ha de brilhar eterna, como uma estrela, no firmamento patrio.

### CHAFARIZ DA PRAIAH

Tentas necessidades tem-soprado este chafariz, fornecendo à nossa população melhor água potável desta cidade, quanto tem sido abandonado pelo nosso povo e principalmente pela Municipali- dade, que, parece, ter delle esquecido completamente.

Um chafariz, como o da Praiah, é rrecedor da mais pura e cristalina agua ao nosso povo, não devia nunca ficar no insimo- so estado em que se acha este.

Com efeito, as paredes de pedra que o cercam estão todas caídas; a chave metálica que servia para fechá-lo foi muito quebrada, sendo substituída por um pedaço de madeira que deixa passar muita agua que se esperdi- çai, o coto exterior do chafariz está já quase arrancado devido ao abuso dos que abusam aquela de modo vermos que está em verdadeira ruína, implorando os habitos da Municipaldade para que, no miserável e infeliz dia dos que se servem dela, dando-lhe em pagamento ruim, que tem a extinguido.

É desse modo que vive o cha-

faz da Praiah, esquecido pela Intendencia e arruinado pelo povo, cuja indole, como já sabemos, é estragar, arruinar, extinguir mes- mo aquilo que lhe presta os me- jores serviços e lhe supre a maior das necessidades.

Eis portanto, lembrada á Inten- dencia, um melhoramento que muito contribuirá para o bem comum e lembramos ainda, que, se possível fosse, collocasse um guarda ali para evitar os abusos que naquelle lugar são praticados estando para não deixar faze- rem estragos e ruinas no chafariz, sendo porém, concertado.

### Notas da semana

#### João Osorio

E caminhos sinceramente que registramos nas nossas co- lumnas o passamento prematuro do nosso jovem patrício e estimado amigo João Osorio.

Muito moço ainda, a sua morte é daquellas que impressionam o ânimo de gente; quando lhe sortia vida, era sonhos de ouro e rosa, assaltou-o implacável moléstia, que, a despeito de todos cuidados da ciencia impotente, feio na manhã de 7, partir para a grande viagem do inegociável.

Com João Osorio perdeu a nos- sa sociedade um trôco estimado e querido, pela sua delicadeza de maneiras e primor de educação.

E é ainda ameaçado pela doença notícias que apresentamos a da sua família, e particularmen- te seu digno irmão e nosso a- migo Aristides Osorio, em suas condic和平.

**Collação de grão**

Com a presença de inumeros convidados, realizou-se a 7. do corrente no Lycéu Salesiano "S. Gonçalo", a solemne collação de gráu de bacharel em sciencias e letras aos 6. alunos do mesmo collegio, que neste anno terminaram o curso gymnasial.

A festa foi imponente e magestosa, tendo sido iniciada pelo Rydm. Sr. P. Oliveira, director do Lycéu; em seguida houve a entrega dos diplomas aos bacharelados, o discurso do orador oficial da turma, bacharel Adhildo de Mattos, o do paranympio, bacharel Philogenio Corrêa e do delegado—lucal—desembargador Ferreira Mendes.

Houve ainda a recitação de uma poesia por um alumno do mesmo Lycéu e a distribuição de premios aos alumnos que mais se distinguiram nos exames finais.

Entre um e outro acto da agrável festa, tocou a musica do batizado de Polónia, lindas peças do seu repertorio e para final, a tal representado um quadro vivo da Independencia do Brasil.

Nestas colunas consignamos ags novelos e jóvenes bachareis um porvir esperançoso na nova vida em que vão só lançar e direcção do Lycéu "S. Gonçalo" as nossas felicitações por mais uma coroa de Glória que obteve, fazendo sahir do seu estabelecimento a brillante turma de bachareis.

\*\*\*

Matto-Grosso na Exposição Nacional tem chamado a atenção de grandes homens, conforme comunicamos os numerosos despachos telegraficos expedidos para cá pelos nossos representantes naquella importante certamem nacional.

Essa nova, que na verdade nos encche de justa regozijo, não sia para se extrair, portanto as riquezas deste pedaço de colosso brasileiro são inavaláveis.

São ate hoje desconhecidas, não resta à menor dúvida, e isso em razão das diversas agitações políticas que têm tido como scenario o desprotegido Matto-Grosso, e as quais frequentes vezes concorrem para o prejuizo do seu commercio nascente, da sua industria embryonaria e assim do augmento de sua população; porquanto os estrangeiros que se emigraram temem sobretudo a duas causas:—os epidemias e a anarchia.

O que, pois, nos leva a crer que se Matto-Grosso ainda não tem sofrido augmento na sua população, é devido tão somente a essas revoluções armadas que quisi poder-se-lhe evitá-las houvesse maior prudencia por parte dos dois partidos que ordinariamente são os que se batem nesses encontros de lucta armada.

É assim é, masnq porq está comprovado que tanto o nosso Estado, como todo o Brasil são muitissimos saibres, se infelizmente ainda somos victimas de algumas epidemias são elas provenientes do extrangero, as quais aqui apontam com os nobisissimos navios mercantes que comerciam com o Brasil, tocando em quasi todos os portos de sua costa marítima.

Ora, reconhídida a causa que tem feito demorar o progresso do nosso Estado, torna-se claro que, si ainda elle faz figura entre os seus concírnios, si o deve á fertilidade de suas terras, á exuberancia do seu solo, á riquezas immensas de suas matas e nos infinitos campos, próprios para a industria pastoril, não ss falando das riquezas mineras hoje inexploradas.

E de sé lamentar que sejam os proprios filhos, os matto-grossenses, quem, talvez impensadamente, de tal maneira, concorda para a ruina de sua terra, impedindo-lhe o progresso, quando outros, entre os quais os riograndenses estão seguissos por obter o, affundido em grandes massas para o sul do nosso Estado, onde o elemeinto Rio-Grandense, já é predominante no de origem matto-grossense.

E tal estado de cousas é—nos uma ameaça continua e torna-se muitissimo perigoso, tanto que já naquellas longínquas paragens ha tns leves desejos de libertar o sul do norte, o que se deve prevenir, enquanto é cedo, para que não venhamos soffrer um desapontamento perdendo a immensa zona do sul.

E os melhores meios de evitá-lo consistem em chamar a emigração cá para o norte, fornecendo-lhe o Estado terras e garantias e d'um vez, para sempre acabar com as malidas revoluções que nos atempestinham os olhos dos mais civilizados.

«Boa vontade sobre tudo» é o anti-doto.

**D. Almada**

M. do Mendonça

Depois de brillante concurso prestado no Lycéu Caetano, por esta distinta señorita, para preenchimento efectivo da cadeira de professora da 1<sup>a</sup> escola elementar do sexo feminino desta capital, foi ella nomeada por acto do Governo, para esse importante cargo, que, infotinamente já ex-

ercia com proficiencia ha dois longos annos.

"O Cruzeiro" portanto, felicita a distinta professora, pela sua nomeação e também à Instrução Pública por possuir agora uma distinça e dedicada proceptora da nossa mocidade feminina, que tambem algum dia virá trabalhar com a Exmta. D. Almira da Mendonça, para o progresso da nossa terra.

**Soneto**

Como me pedes, querida,  
P'rta dizer-s que o amor.  
Respondo que, nesta vida,  
Não é mais que uma flor,

Que no coração nascida,  
Plena de vigor e frescor  
Cresce, porq é vencida  
Pelo tufo, que é a dor;

Então fica enriquecida  
E tristemente perdida,  
Sua vida em breve finda.

Mas pergunta-me:—O amor  
Na morte, é tal uma flor?  
—Não sei dizer-te isso ainda.  
Marco—23—908.

Laura Ramos:

Gozar-se a regra não mente,  
é um verbo defectivo:  
falta-lhe um tempo; o presente  
do indicativo.

J. M. Batista.

**Tres rosas**

Em uma risonha manhã de Abril, no jardim da vida humana, ainda orvalhado pelo crepusculo, conversavam alegremente tres gentisrosas, meneando os secos dedos galinhos agitados pela brisa.

Uma delas—a amarela, disse:—não sentes o aroma subtil e delicado que exhala da minhas pétalas, que ao menor calor se dobram de sentimento?

A minha bella dor de ouro faz-me sensivel.

Pois bem: eu represento a moça fascinadora, volúvel e infiel que inolina-se meigamente e qualquer olhar sedutor de um amante; portanto sou feliz.

## NA ALCOVA

A. J. F. M.

A branca respondeu: eu sou a alma da natureza, o símbolo do amor, encanto, delicadeza e docura. Sou a imagem querida das donzelas, todos me consagram, me adoram, me veneram.

Occupo os mais sumptuosos palácios e, poiso delicadamente no peito das donzelas, a palpitar de amor, logo són mais feliz.

A roxa interviu dolentemente e disse: eu sou a melancolia dos que vivem, sou o cossigrado aos altares e tumulos como derradaria recordação de um ser amado.

Não goso mais dos prazeres da vida mas me consolo da minha sorte.

Então na brisa se ouve uma sonoridade mística, acompanhada de vozes e Cupido fala:

Tu és a mais feliz porque representa o sentimento das almas inocentes que foram envenenadas pelos olhares trahidores de uma donzella sensível.

Então as outras envergonhadas emmurcheceram deixando esbair as suas pétalas.

Oh donzelas! de que serve a candura e beleza quando ha validade e volubilidade?

Antonio Luiz.

## ATOAMENTE

Ca Mariano de Figueiredo.

A lúa lá vai, lentamente, seguindo a sua trajetória de prata e de luz e deirmando sobre a terra essa claridade tão suave, tão cheia de encantos, que faz esismar os vates, esses entes incomprehensíveis, que trocam o trânsito de um leito por uma cama improvisada na lúa, e que vão a bordar as castas donzelas, refletindo-se pelos vidros da janella.

Triste solidão gera a melancolia.

A terra sempre clara e a lúa a marchar, morosamente.

Mas alem, bem longe, espanta-a, de sceapa, uma nuvem negra.

A linda lúa, não a teme, porque não avalia o perigo, e prossegue, sempre brilhante, a espalhar phosphorescências pallidas, que bordam de prata as nuvatas tetricas e reflectem-se sobre o immenso lago azul;

Crystaes flammentes, estofos negros, bellos,  
Ornam a alcova perfumosa em flor.  
As costas dando a porta, vira e olha,  
E assenta-se na cama d'alva cõr.

Começa a se despír; no vão da porta  
A brisa passa e a beija possuidamente,  
Fartalha as rosas, elevando as pet'las  
Por toda a alcova rodopiadamente..

Depois ergue-se as mãos diante do peito,  
Reza baixinho, e fervorosamente:  
A fronte é lyrio, a boca rosa aberta  
E a alma é alva, imaculadamente!

Bom.

## O DINHEIRO DE S. PEDRO

Da tal modo imitou o papa a singeleza  
Do martyr do Calvário,  
Que a força de gastar os bens com a pobreza  
Tornou-se millionario.

Tu hoje podes ver, ó filho de Maria,  
O teu vigario humilde  
Conversando na bolsa em fundos da Turquia  
Com o Barão de Rothschild.

A cruz de redenção, que deu ao mundo vida  
Por te haver dado a morte,  
Tem-a no seu bureau o padre santo erguida  
Sobre uma caixa forte.

E toda essa riqueza immensa, acumulada  
Por tantos financeiros,  
O que é a economia, oh Deus! foi começada  
Só com trinta dinheiros!

Guerra Junqueiro.

Ella é inocente e por isso não vê o perigo do qual não se resguarda, e também a terrível iniqüiga, que a espôrã, ansiosa.

Encontram-se e depois de brevíssima disputa a nuvem negra oculta-a, inteiramente, dentro de suas negrejantes togas.

A terra negreja se desapparece a tranquilidade e em scena aparecem o demônio, o assassino, o ladrão, das cavernas para seus passeios nocturnos, saem todos os reptis venenosos: demônia e terror. Os bons escondem-se e os vatos ligérios e inclináculos buscam as suas moradias.

A lúa representa a nossa mediocridade.

Sentimo-nos, nessa quadra, com coragem e dispositos para a luta pela vida, sem temores e com uma bagagem de certas illusões;... mas esperam-nos, em caminho, a nuvem negra, ou o que é o mesmo, os inimigos, os invejosos, os despeitados, e toda a casta de reis malevolos, que a terra abriga.

E a vida inteira é essa luta intermitável, hedionda e horrenda.

Cuiabá, — 7—9—908.  
Generoso Alves de Siqueira.

## Menina prodígio

Encontramos na «Gazeta Catarinense», de Florianópolis, a seguinte notícia:

«É um prodígio a pequena Eugenia de Azevedo, na sua infância de 4 anos apena, fragilmente representados, tão delicada é a sua compleição orgânica.

Vimol a e ouvimos-a, mais uma vez, e estas breves linhas mal podem dar idéia de profundo e singular impressão que nos causou essa linda criação excepcional, que ao piano, no violino e desfilhando o bandolim, dá execução, relativamente maravilhosa, não só à música fácil e leve como, também, a trechos de ópera.

Como foi que ella aprendeu aquillo?

Ninguém o sabe. Ela vive, ainda na felicidade e absoluta ignorância das crianças que apenas sabem sorrir e brincar.

Eugenia é uma criaturinha que empolga, que encanta, que extasia mesmo.

Nasceu a 12 de Abril de 1904, e foi, recentemente, que surpreendeu a família com a revelação dessa precocidade, que está causando admiração geral.

Seus pais, a instâncias de pessoas amigas, pretendem apresentá-la ao público brevemente, e, sem a fatigar, inicialmente em estudos que poderão fazer dessa genial criança uma celebridade.

## Come elles se entendem

Na mesa de um paquete francês:

— *Donnez moi un palito!* diz um passageiro para o criado.

— *Je ne suis pas tailleur!* responde este.

— Como esses criados são estúpidos! murmura o dito passageiro ao ouvido de seu vizinho. Pedi-lhe um palito e elle responderá que vai trazer-me um talher,

— Tu conheces o «chah da Persia»?

— Não. Mas, já tive bebido diversas vezes o da Índia.

## O menino e o cão

### IV

(Continuação)

Dormiu tranquillo. Velludo, ao lado, com a língua de fóra, deixava distilar longas fios de baba numa respiração cançada como si acabasse de correr atraç de galope veloz. Mas não; era em extremo pacato; não procurava o perigo — sabia enfrentá-lo quando preciso.

O feitor repreendeu asperamente o orphão, ameaçando-o de expulsão, caso continuasse a não cumprir fielmente o seu dever. Levantou-se humilde, com o chapéu nas axilas e tomou o caminho. Velludo erguendo se de um salto o seguiu.

Extremoso animal... quanto mais te admiro mais detesto esse bipede racional que se intitula o homem!

A necessidade do pão quotidiano o obrigava a ser tão manso como o cordeirinho. Para mim a humildade é a primeira das virtudes. Só um coração de pedra não se condôma a fraqueza, da submissão do seu semelhante. A fadiga convertera em seu domínio aquele corpo ainda fraco e incapaz de resistir ao serviço de um homem feito. Escarmentado o patrão de prejuízos de toda a casa, fez que o mestre se ocupasse nos empregos mais á vista. Foi-o entrar para o alpendre, lugar onde as mulheres fabricavam o assucar.

### V

Madrugada. Scintillavam estrelas, e a claridade argentea do luar banhava todo o terreno envolvendo a natureza no seu esplendor fogo. Borbulhavam no caramanchão os fachos fumegantes de melado. Ao redor as crioulas estremeciam de sono tomando o ponto esperando a hora de afastal-o do braçido. A certa distância, o engarriço de madeira tocado por tres juntas de bois, chiava dando vozão aos montes de cauda. O golicinho não dormia. Descere João á fonte com o vasilhame — ia enxaguar. O luar de prata reverberava na lisa su-

perfície da agua limpida que a tépida viração d'aquella hora vinha tranzar e encrespar. O silencio era interrompido pelo coarcar dos sapos e pelo «ri-cri» dos grilos ocultos nas moitas. Ampoleirado numa jarvore distante, um gallo rufiou as uvas com estreito e solto o primeiro canto saudando o dia nascente. Canto longo que ecoando, ecoando, de floresta em floresta foi aos poucos se extinguindo até morrer n'amplitude do vacuo. Outros, mais outros, cantaram.

Recostou-se o menino ao tronco robusto de uma sapucaia e adormeceu embalado pelas suras suavissimas da madrugada. Flores e flores em rodopio vinham lastrar-se no chão.

(Continua).

## PROVA SUPREMA

Duvidas do meu amor?

— Duvide sim! O teu coração é sôcero. Queres iludir-me.

— O que desejas para te certificares que eu techo por ti mais do que affeição, que eu te idolatrio, como si fosses uma deusa?

— Uma prova suprema...

— Qual?

— É um impossível que eu exijo, mas o amor não encerra barreiras quando é impetuoso e verdadeiro.

— Fala! Pede-me até uma estrela; eu irei buscá-la no céo...

— Pois bem! Eu quero uma estrela...

— Brilhante como o teu olhar...

— Seja assim.

E Arthur, despedindo-se, beijou as mãos de sua bela enamorada.

No dia seguinte voltou pallido e triste.

— Perdôa, minha Eleonora! Hontem à noite pensei no suicídio para alar-má ao céo. Resuscitaria no teu coração. Mas fitei radicalmente a vastidão do infinito e não vi uma estrela que tivesse os olhos!...

Seria um sacrifício inutil.

Sylvio Gomes.

Typ. d' O'Khard